

MASCULINIDADE NEGRA E LETRAMENTO

Carlianne Paiva GONÇALVES; Joana Plaza PINTO.

Faculdade de Letras/UFG

e-mail: carliannepaiva@gmail.com

Palavras-chave: letramento, raça, masculinidade

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos temos nos deparado com calorosas discussões acerca das políticas de Ações Afirmativas (AAs) no Brasil. Tal fato se intensificou nos últimos dez anos devido à participação do Brasil na II Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Formas Correlatas de Intolerância na África do Sul. Na ocasião, foi entregue um relatório preparado pelo ex-presidente F. H. Cardoso (2001) em que reconhecia a existência do racismo e seus danos negativos à população negra brasileira.

De lá para cá, algumas medidas e ações a fim de amenizarem as desigualdades no país foram desenvolvidas. Atualmente, temos como alguns exemplos de AAs as cotas raciais, sociais, étnicas e a bonificação (caso da UNICAMP), programas como o PROUNI (Programa Universidade para Todos) que oferece bolsas de estudos (parciais/integrais) a estudantes de baixa renda em instituições de ensino superior privadas. Segundo o MEC, estudantes e professores da rede pública de ensino e pessoas autodeclaradas indígenas matriculadas nos cursos de licenciatura e pedagogia têm prioridade na concessão da bolsa. Outro programa é o REUNI (Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), também do MEC, que traz um conjunto de seis diretrizes (Decreto no 6.096, de 24 de abril de 2007) que visam a apontar/superar os maiores desafios para a expansão do ensino superior e de qualidade no Brasil.

Reconhecer a existência do racismo já é um passo dado rumo à eliminação da desigualdade brasileira, mas, de acordo com Lúcia Xavier, representante da organização Criola, o racismo no Brasil não é apenas uma mera atitude, e sim uma posição política, que precisa ser combatida. Como uma das medidas, a autora ressalta: “Para produzirmos outro tipo de vida para a nossa população, temos que

defender o sistema de cotas, buscando o fim das desigualdades provocadas pelo racismo, precisamos de responsabilidade” (BITTENCOURT, 2010).

Diante dessa realidade e contrapondo a autoras como Maggy (2008), que é contrária as ações afirmativas por acreditar na não existência de racismo no Brasil (visto que somos um país miscigenado), temos por objetivo neste trabalho compreender, por meio da história de vida de um jovem negro, morador da periferia de Goiânia, estudante de Letras da UFG e cotista, o impacto das políticas afirmativas para a entrada da população negra nas universidades públicas. Outra meta estabelecida por nós é propor práticas de letramento escrito a esse jovem durante a pesquisa.

Para a realização deste trabalho, adotamos como referencial teórico a categoria letramento (CARVALHO, 2007; RATTO, 1995; OLIVEIRA, 1995, KLEIMAN, 1995) para dialogarmos com outras categorias, como identidade (MUNANGA, 2003; HALL, 2006); relações raciais (GONZALEZ, 1984; GUIMARÃES, 1999; GOMES, 2005), ações afirmativas (SILVÉRIO, 2005; BERNADINO 2004, 2007; VILLARDI, 2007), masculinidade (PINHO, 2004; GRANJA & MEDRADO, 2009) e história de vida (MARCONI & LAKATOS, 2006).

MATERIAL E MÉTODO

Compartilhamos da ideia de que fazer pesquisa é estar sujeito a construir e ser reconstruído durante todo o processo, portanto, adotamos a história de vida como metodologia por acreditarmos que por meio da narrativa reflexiva podemos refazer e direcionar as nossas próximas narrativas.

Esse tipo de pesquisa data de 1927 nos EUA e chega ao Brasil na década de 1950. Ela era uma técnica comum entre os sociólogos Fernando Henrique Cardoso e Leôncio M. Rodrigues e, ao contrário dos EUA que usavam tal técnica como algo importante, aqui ela era vista, no início, apenas como uma técnica subsidiária (MARCONI & LAKATOS, 2006, p. 135). Segundo Marconi & Lakatos (2006), a história de vida tem por objetivo levantar a vida de uma pessoa, seus usos e costumes, seus valores, conceitos e ações. Neste trabalho, não queremos apenas descrever a história de vida do participante, pelo contrário, queremos propor ações que visem à modificação de um estado inicial. Para isso, sugerimos a fusão da

história de vida com a pesquisa-ação, com o compartilhamento teórico, a delimitação da problemática da pesquisa (intersecção entre letramento, raça e gênero), a leitura/estudo do problema escolhido pelo participante, a participação de eventos e a avaliação constante.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do diagnóstico inicial respondido pelo entrevistado, algumas ações começaram a ganhar vida. A primeira dela diz respeito ao compartilhamento teórico, aqui, percebemos que nossos interesses e a premissa inicial de que o estudante teria dificuldades para se expressar de forma escrita e não oral, foram confirmados. Tal dificuldade se dá porque as oportunidades da vida sempre foram negligenciadas a ele.

Por meio de suas narrativas, percebemos que a escola não era um lugar tão atrativo para um jovem negro, pobre e não adequado às normas tradicionais de masculinidade. Talvez por isso, a coleção de ausências às aulas e a falta de motivação para ir à escola, lugar que ele considera, por muitas vezes, apolítico.

Quanto à escrita desse jovem, notamos que ele faz escrita pessoal, uma espécie de diário que nunca foi compartilhado por sentir sua escrita não digna de ser revelada aos outros, é como se sua escrita fosse marginalizada, empobrecida, além de ser o lugar de satisfação e reencontro consigo mesmo.

No desenrolar da pesquisa, além de muitas conversas, também há espaço para discussão e produção textual. O primeiro passo, nesse sentido, foi discutir os termos “raça” e “identidade negra”. Após esse trabalho, o próximo passo foi a produção de um resumo e, conseqüentemente, inscrição para uma apresentação de um congresso local. Tal medida se deu porque acreditamos que não basta o cotista entrar em uma universidade pública, é preciso agir conjuntamente para podermos inserir verdadeiramente esse jovem na universidade.

CONCLUSÃO

Apesar de estarmos ainda trilhando um caminho cheio de surpresas, pois é assim que encaramos a pesquisa, como algo não pronto mas sim revelador, já podemos concluir que tanto para o jovem cotista quanto para as demais pessoas

envolvidas no processo, a orientadora e a pesquisadora, esse projeto tem feito muito sentido por já avistarmos alguns deslocamentos/mudanças. Um exemplo disso pode ser demonstrado quanto à postura do cotista frente à pesquisa. Ele sente-se cada vez mais confiante no que estamos fazendo; ele tem despertado a cada conversa e convivência com os/as colegas da faculdade o interesse pela pesquisa e produção acadêmica; e outro ponto que, para a nossa pesquisa, ele por vontade própria escolheu não omitir o seu nome, sendo assim, durante toda a dissertação, o/a leitor/a verá não um pseudônimo.

Para alguns isso pode parecer pouco, mas para nós que conhecemos de perto a realidade de dor e violência que não permitem aos homens negros adentrarem os portões da universidade, isso sim, já é um grande motivo de satisfação.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO, Joaze; GALDINO, Daniele. (Org.). *Levando a raça a sério*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

_____. Projeto Passagem do Meio: qualificação de alunos negros de graduação para pesquisa acadêmica na UFG. *Sociedade e Cultura*. v. 10, n. 2, p. 281-296, jul./dez. 2007.

BITTENCOURT, AnaCris. *Lançamento da segunda fase da campanha*. Disponível em: http://www.dialogoscontraoracismo.provisorio.ws/index.php?option=com_content&task=view&id=50&Itemid=27.> Acesso em: 24 mai. 2010.

CARVALHO, M. Letramento na Maré: uma proposta metodológica de ensino da leitura e da escrita para jovens e adultos. In: *Teorias e práticas de letramento*. (Org.) Lia Scholze, Tania M. K. Rösing. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei 10639/03/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade*. Brasília/MEC, 2005, p. 39-62.

GRANJA, Edna; MEDRADO, Benedito. Homens, violência de gênero e atenção integral em saúde. *Psicologia & Sociedade*. Recife, vol. 21, p. 25-34, 2009.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Raça e Racismo no Brasil. In: _____. *Racismo e antirracismo no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1999. p. 21-37.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Louro. 11 ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2006.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____ (Org.). *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 1995. p. 15-61.

MAGGIE, Yvonne. Pela Igualdade. In: *Revista de Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 16 (3), p. 897-912, set-dez 2008.

MARCONI, Marina de A; LAKATOS, Eva M. História oral. In: _____ *Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados*. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2006, p. 134- 138.

MUNANGA, K. *Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia*. [2003]. Disponível em:

<<http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/09abordagem.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Letramento, cultura e modalidades de pensamento. In: KLEIMAN, Angela. *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 1995, p. 147- 160.

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? *Democracia Viva*. n 22, p. 64-69, jun 2004 / jul 2004.

RATTO, Ivani. Ação política: fator de constituição do letramento do analfabeto adulto. In: KLEIMAN, Angela. *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado das Letras, 1995, p. 267- 290.

SILVÉRIO, Valter Roberto. Ações Afirmativas e diversidade étnico e racial. In: SANTOS, Sales Augusto dos. *Ações Afirmativas e o Combate ao Racismo nas Américas*. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005, p. 263-282.

VILLARDI, Raquel. Políticas de Ações afirmativas no ensino superior- notas sobre o caso da UERJ. In: BRANDÃO, André Augusto. *Cotas raciais no Brasil: a primeira avaliação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2007, p. 35-45.